

A crítica de arte como exercício pessoal

Bernardo F.E. Lins

Consultor Legislativo da Câmara dos Deputados
Área de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática

Crítica de arte é uma atividade que integra a produção cultural há milênios. Petrônio era tido como ditador de modas e gostos na Roma imperial do primeiro século depois de Cristo, ou pelo menos apresentava-se como tal. Terminou seus dias cortando os pulsos, por ordem do imperador, talvez insatisfeito com sua atitude *blasé*. Desde então, a crítica de arte fez a glória ou a desgraça de mais de um intelectual.

Quem critica se expõe. Além de um saudável ceticismo, na medida em que haverá a permanente suspeita de que seu parecer seja meramente opinativo, o crítico enfrenta, não raro, reações destemperadas e bate-bocas, pois a boa crítica é expressada de forma contundente e irá alegrar alguns e magoar outros, por razões emocionais ou financeiras. E se uma obra que receber uma avaliação desfavorável vier a ser sucesso de público, ou vice-versa, haverá os tapinhas nas costas, as ironias e as comparações de sempre sobre a falta de sensibilidade dos críticos para colocar o temerário (ai dele!) em seu devido lugar por uns dias.

As reações podem ir mais além. Críticos de arte são postos na berlinda da mídia de tempos em tempos. Pretenso artista frustrado, erudito estéril, destrutivo e irresponsável, as calúnias despejadas sobre analistas de reconhecida competência, sensibilidade e preparo técnico apenas ilustram os sentimentos que o crítico suscita junto a artistas, produtores e ao público em geral.

No entanto, a crítica de arte ou, em caráter mais geral, a curadoria, é indispensável. O curador é parte de um *establishment* que dá ao artista uma dimensão da sua proficiência técnica, da aceitação do seu trabalho e do significado social de que este se reveste. Oferece ao público, ou a segmentos específicos de consumidores, um parecer alternativo sobre a obra, muitas vezes esclarecendo aspectos que ficam obscuros para quem não conhece o lado artesanal e técnico do trabalho ou não logra situá-lo histórica ou socialmente. E tem a função de estabelecer alguns parâmetros de aceitabilidade para obras que, embora relevantes para a sociedade, estão no limiar da rejeição por agredirem o bom gosto ou as convenções usualmente admitidas e que, sem um aval de autoridades reconhecidas, seriam condenadas à indiferença, quando não à repressão e à destruição.

Há um preço a pagar, um outro lado da moeda, dado pela aceitação na sociedade de uma divisão do trabalho artístico entre o artista, que concebe e produz, o curador, que seleciona, agrupa, divulga, traduz

ou interpreta socialmente o trabalho do artista, e o *marchand*, que o coloca no comércio. Nessa organização econômica da cultura, o artista assume o papel da produção braçal, mas os instrumentos que dão substância social à sua obra são colocados pela sociedade nas mãos da curadoria e do comércio. O mercado seria, portanto, redutor do papel do artista

O público em geral deseja uma avaliação profissional de arte pela mais imediata e mais prática das razões, a apreciação da obra. Nos perguntamos se o quadro, a fotografia, a peça de teatro, o filme ou qualquer outra expressão artística que temos à nossa frente em um dado momento é “boa”, se merece que nos esforcemos para entendê-la, se uma melhor avaliação da intenção e do esforço do artista irá agregar-nos algo, seja pela melhor compreensão do que o artista diz, seja em termos de apreciação estética, seja como cultura ou erudição. O crítico profissional poderá, nesse contexto, enriquecer a nossa opinião pessoal e dar-nos uma perspectiva diferente sobre a obra em questão.

Outro motivo válido para demandarmos uma crítica decorre da relação de consumo que, no mundo contemporâneo, cristalizou-se entre o espectador e a obra. De fato, não raro iremos pagar para contemplar, assistir ou possuir essa obra. Nesse caso, o potencial consumidor deseja estimar se o preço demandado guarda uma correlação com o trabalho apresentado. A crítica profissional terá, então, a função utilitária de esclarecer alguns parâmetros dessa avaliação e de dar um parecer sobre os méritos da obra.

Há, ainda, os motivos de caráter profissional dos próprios artistas para demandar uma crítica. Quando nós mesmos produzimos arte e almejamos reconhecimento ou inserção no mercado, o curador avalia se o nosso trabalho, além de nos dar o prazer e a realização do fazer artesanal, tem algum mérito “objetivo”, ou pode dispor de um público ou de um mercado receptivo.

O parecer do crítico, porém, é uma visão particular, que poderemos aceitar ou não. O consumidor de arte busca, em geral, construir a sua própria capacidade de crítica. Examinar a forma como um crítico profissional elabora o seu exame de uma obra, os critérios que utiliza e as precauções que procura tomar é um exercício enriquecedor para tal. Este artigo procura descrever, ainda que de forma

breve, alguns dos parâmetros habitualmente usados pelos críticos profissionais numa primeira avaliação de expressões artísticas as mais diversas. O enfoque adotado foi o de tentarmos generalizar esses critérios, ao preço inevitável de sacrificarmos uma discussão da sua aplicação específica a cada forma artística, o que poderia revelar-se por demais extenso. O texto não pretende entrar em questões de fundo sobre a natureza da arte, as distinções entre artesanato e arte, as funções da arte na sociedade e na cultura ou o comportamento do mercado de arte.

O risco intelectual mais imediato para quem faz crítica profissional é sucumbir a questões emocionais, de gosto pessoal, de relações pessoais ou de coerência com o próprio passado e, deixando de lado o caráter multifacetado e provocador da produção artística, elaborar uma opinião parcial ou sem fundamento. Para evitar tal armadilha, o crítico usualmente se faz, de início, algumas perguntas que lhe permitirão situar a obra e dar-lhe-ão algum lastro em sua análise. Estas podem ser agrupadas nas cinco categorias apresentadas a seguir.

a) Qualidade formal e qualidade artesanal da execução

Tratam-se de aspectos inerentes à análise de qualquer obra artística, embora não sejam determinantes do seu mérito. Espera-se, em geral, que o artista detenha qualificação artesanal para executar a obra e que, quando optar por abrir mão desta, tal decisão seja intencional e compatível com a mensagem que deseja transmitir ou as sensações ou emoções que deseja suscitar. Essa é uma das razões mais freqüentes de críticas devastadoras.

Por outro lado, obras aparentemente triviais envolvem a distribuição precisa de diversos elementos, resultando da contínua busca do artista por certos efeitos estéticos. E embutem, eventualmente, críticas ao fazer artístico, ao papel social da arte ou à dinâmica do trabalho artesanal. Nesse sentido, é um equívoco afirmar, diante de uma orgia de tinta aparentemente caótica de Jackson Pollock, da simbologia quase infantil de Miró ou dos padrões gráficos de Mondrian, que “até uma criança faz isso”. O padrão, a idéia, o lampejo da criatividade surgiram nesses artistas após exaustivas tentativas ou repetições.

Mesmo uma execução rústica esconde, em muitas situações, uma qualidade artesanal incomum. Os trabalhos de nosso Aleijadinho podem parecer toscos se colocados ao lado de uma escultura do barroco italiano, mas são o resultado que o artista ofereceu à demanda social que lhe era colocada, o que de forma alguma diminui o talento e a maestria do grande escultor mineiro. A preferência pela simplicidade e a aderência aos cânones convencionais são inerentes à própria natureza e intenção da obra e nos surpreendem por sua elegância formal.

b) Adesão a uma escola, movimento ou estilo

Outro aspecto a ser destacado ao examinar uma obra é a do seu mérito enquanto exemplo de uma escola ou movimento. Nesse caso, a importância do trabalho extrapola a sua execução considerada isoladamente, uma vez que este faz parte de um conjunto mais amplo de atividades artísticas, que terá um efeito social e cultural mais relevante do que o de uma obra única. Assim, por exemplo, compreende-se melhor um quadro de Emil Nolde se conhecermos algo do expressionismo alemão, ou a fotografia de Ansel Adams no contexto do grupo *f/64*, ou o *rock* de Renato Russo no cenário da produção das bandas *punk* de Brasília nos anos oitenta.

Ao situar a obra, o crítico dá ao leitor os instrumentos para avaliar a sua importância como elemento de integração social ou como resultado de uma determinada situação cultural ou política. Também oferece “dicas” para compreender a forma artística escolhida, dado que várias dessas escolas ou movimentos defendem certas expressões, processos de criação ou recursos estilísticos por motivos ideológicos, filosóficos, estéticos ou até lúdicos.

c) A obra no contexto da produção do artista

Situar a obra no contexto da produção do autor é outra forma de melhor apreender o seu significado. Trata-se de um artista inquieto e renovador ou de alguém que tende a repetir uma fórmula consagrada? Trabalha por encomenda ou desenvolve uma reflexão não atrelada a

demandas específicas? Tende a alinhar-se com determinados movimentos ou é independente? A que período de sua produção pertence o trabalho? São aspectos que ajudam a compreender a obra e lhe imprimem novas interpretações.

Em alguns casos, a obra enquadra-se em uma etapa ou linha de trabalho específica. Em outros casos, é produção rotineira. Pode ser representativa de fases de experimentação ou inquietação, que apontam novos caminhos de um artista ou um grupo. Pode resultar apenas de uma brincadeira ou de um exercício. Pode ser um estudo preparatório de outras obras mais notórias. Esse aspecto, aliás, tornou-se mais importante nas últimas quatro décadas, uma vez que o mercado tem procurado obras menores, estudos e esboços de autores conhecidos, pois as obras de maior notoriedade estão fora de comercialização.

d) A obra como veículo de expressão

Há obras de arte cujo mérito resulta, de imediato, dos valores formais que nela percebemos. Em outros casos, o conteúdo, a mensagem transmitida, são de tal importância que imprimem um novo significado à obra. São aquelas situações em que esta é plenamente explorada pelo artista como um veículo para expor a sua visão, extrapolando uma intenção meramente estética ou funcional. Será uma obra instigante, a ser lida, estimulando intelectualmente o espectador.

É importante destacar, nesse ponto, o perigo de explicitar várias facetas de uma obra ou vários enfoques de análise em separado. Técnica, conteúdo e relação da obra com o autor e com o espectador são aspectos inseparáveis de uma realidade única, aspectos que se realimentam e se fundem. É impossível, muitas vezes, examinar o meio ou a técnica usada se não logramos apreender o que o autor pretendeu transmitir. Muitas escolas ou movimentos construíram seus cânones na intenção de dispor de ferramental para trabalhar conceitos, idéias ou posições ideológicas.

Vale lembrar, nesse sentido, que uma intenção relativamente freqüente na produção de muitos artistas é a crítica ao próprio *establishment*, ao significado da arte, ao uso de que dela se faz. Artistas conceituais e pós-modernos exploraram com lucidez essa dimensão,

recorrendo a *happenings*, ao *ready made*, ou a variações sobre ícones de nosso tempo ou do passado, para oferecer uma denúncia da arte como não-valor social, tentando mostrar ao público os engodos a que o mercado de arte os submete.

Em todos os casos, são reveladas e criticadas algumas das engrenagens sociais que movem o mercado e que nos aprisionam. A obra de alguns desses artistas são, por sua vez, aprisionadas e cooptadas pelo comércio de arte, que assim se revela em toda a sua capacidade de sedução. Mais uma vez, porém, são inúmeras as possíveis leituras dessas obras. Tome-se o caso das séries de trabalhos de Warhol sobre a “Última Ceia”. São painéis e objetos que reproduzem o afresco de Leonardo, ou partes dele, com variações de cores, repetições, superposições com padronagens, logotipos ou grafites. Podem ser interpretados como uma releitura da obra do mestre florentino, como uma crítica ao seu uso exaustivo e *kitsch* nas salas de jantar das casas católicas, ou até como a revelação de uma secreta natureza religiosa de Warhol, que em dado momento fluiu livremente em sua arte.

e) A obra como registro histórico

Algumas obras são verdadeiros registros antropológicos, que nos dão pistas de como eram as sociedades que as produziram. Outras estão relacionadas com eventos historicamente importantes pela polêmica que provocaram ou pelos fatos que situaram a sua produção. A importância histórica pode decorrer, também, do significado da peça como marco de um movimento, um período cultural ou um estilo. Outras obras são relevantes por registrarem fatos de alguma importância histórica ou conjuntural. Isto é especialmente significativo na fotografia, em que a identificação do fato retratado é um aspecto essencial para a sua compreensão como mídia e como obra. Robert Capa, por exemplo, “faz arte” quando consegue dar uma dinâmica plástica a suas fotos do desembarque na Normandia no Dia “D”, mas faz também um registro testemunhal de um momento crucial e trágico da história. A importância real ou simbólica do fato agrega à obra, nesses casos, um nível de leitura adicional.

Além da leitura da crítica de arte profissional e do exame dos métodos de análise seguidos por autoridades consagradas, um certo conhecimento de história da arte e alguma prática de atividades artísticas darão ao apreciador uma dimensão do desenvolvimento, das dificuldades técnicas e do potencial de cada forma de expressão. A leitura de textos acadêmicos e de diários de trabalho de alguns artistas é também uma rica fonte de informações para o crítico amador.

No plano pessoal, o exercício da crítica é um refinamento intelectual, que tempera o prazer da pura e simples contemplação da arte ou da participação em sua elaboração. É, também, um antídoto contra a enganosa sensação que sentimos diante da “aura” de obra de arte que determinados trabalhos adquirem, seja pela notoriedade do artista ou da escola, seja pela consagração da própria obra enquanto ícone ou símbolo. Se em certos casos esse encantamento é plenamente justificado, em outros casos deixa-nos míopes diante de obras menores. Analisar criticamente a obra nos dará uma noção dos seus reais méritos, sem que abduquemos, em momento algum, do prazer que esta nos proporciona. Através da crítica seremos capazes, ainda, de reconhecer a relevância de obras que não nos aprazem mas que guardam, pelos vários critérios já sugeridos, uma importância no quadro da produção artística.

O desenvolvimento de uma sensibilidade crítica tem, ainda, a utilidade de nos ajudar a avaliar uma obra de arte como consumidores ou investidores. Inseridos que estamos em uma sociedade que reifica a expressão artística, tornando-a mercadoria, é inevitável que precisemos, com alguma frequência, desembolsar dinheiro para usufruir do consumo da arte, seja pagando uma entrada para visitarmos uma exposição ou para assistir a uma peça, seja adquirindo a obra ou uma reprodução desta. O preço de mercado depende de inúmeros fatores que extrapolam o escopo desta breve exposição, tais como o material e a técnica usados na obra, a produção atual e esperada do artista, a demanda pela obra, a possibilidade de reprodução, os direitos autorais, bens substitutos que concorram pela atenção do consumidor ou a especulação. A compreensão do valor artístico da obra e do esforço despendido em sua elaboração nos dá, de qualquer modo, enquanto consumidores, alguns parâmetros, ainda que limitados, para estimar a justeza do preço a pagar pela nossa satisfação.

Tais aspectos não devem, porém, prejudicar a nossa relação com a arte, tornando-nos preconceituosos ou demasiadamente seletivos. Produzir cultura é uma forma de integração social e de prazer pessoal. Apreciar trabalhos de outras pessoas, ainda que não estejamos diante de artistas profissionais, é uma forma de valorizar algumas das melhores qualidades que o ser humano tem a oferecer: sensibilidade, capacidade criativa, domínio sobre o próprio corpo e sobre os materiais de expressão, desejo de comunicar e de encontrar seu lugar na sociedade. Cabe-nos ter, sobretudo, respeito ao artista bem-intencionado, que procura expressar-se honestamente. Nas palavras de Stanislavski, “pode-se representar bem e pode-se representar mal; o importante é representar verdadeiramente”.